

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA
PRIMEIRO CONGRESSO
JOSÉ AUGUSTO ABREU DE MOURA
Título: O CONCEITO DE REVOLUÇÃO NOS ASSUNTOS MILITARES

INTRODUÇÃO

Em qualquer área, uma nova teoria começa com hipóteses que são testadas com o propósito de buscar algum aspecto que as refute. Se isso não acontece, elas se consolidam e conseguem reduzir vários fenômenos a algumas leis, cuja aplicação dá origem a novos conceitos e desenvolvimentos. Isto constitui a evolução.

Há ocasiões, porém, em que novas constatações invalidam as hipóteses que originaram a teoria, obrigando a que todo o entendimento sobre o assunto seja questionado, com novas hipóteses e novos testes. Isto constitui uma revolução.

Nos últimos anos, a expressão “Revolução nos Assuntos Militares” (RAM) tem se repetido na literatura militar, normalmente quando o assunto trata de algum armamento ou técnica militar muito moderna, principalmente dos EUA. São poucos, no entanto, os artigos que descrevem em que consiste tal revolução; além disso, vários deles empregam enfoques parciais, cujo entendimento exigiria o conhecimento do contexto em que o conceito nasceu e se desenvolveu.

É este o propósito deste trabalho.

HISTÓRICO

A dialética do Marechal Ogarkov

O Marechal Nikolai Vassilievitch Ogarkov foi Chefe do Estado-Maior Geral (EMG) da URSS (autoridade logo abaixo do Ministro da Defesa) entre 1977 e 1984¹. Engenheiro militar e Herói da União Soviética, escreveu mais de cinquenta artigos e dois livros sobre “Ciência Militar”². Sua nomeação, em conjunto com a de um civil para a pasta da Defesa, refletira uma rara iniciativa de renovação da liderança Brejnev, com o propósito de melhorar a relação entre os políticos civis e a cúpula militar, após a morte do intransigente Marechal Greshko, o Ministro da Defesa anterior. Já a exoneração³, pelo recém-empossado sucessor de Brejnev, Chernenko, foi devida a seus esforços para manter os gastos militares, adequando a indústria às novas necessidades tecnológicas das forças armadas, numa época em que a tônica era, cada vez mais, a produção de bens de consumo para a população.

¹ Waddell, 1999, 38

² Os russos dão o status de ciência aos estudos militares – a “Ciência Militar”.

³ http://en.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Ogarkov

Ogarkov, como muitos comunistas dedicados, encarava a teoria marxista como Teologia e dela extraía explicações para tudo. Assim, as medidas que adotou à testa do EMG se deveram a suas análises das diversas situações segundo o materialismo dialético marxista-leninista, que ele considerava a “base metodológica inicial” para a Ciência Militar. Em um artigo de 1978, afirmou⁴:

O uso das suas leis no conhecimento militar-científico e a consideração de todos os fenómenos de uma guerra em suas inter-relações e interdependências tornam possível determinar e estabelecer os tipos específicos de contradições, formas de luta entre opostos, mudanças da conversão de quantitativo em qualitativo e interrelações entre novo e velho, abordando assim, adequadamente, a determinação das características das leis da guerra e dos assuntos militares.

Ele aludia às três leis do Materialismo Dialético, cujas aplicações expôs diversas vezes, uma delas, no mesmo artigo de 1978:

A “Lei da Unidade e Luta entre Opostos” - a “*idéia básica do entendimento dialético da Ciência Militar*”⁴:

Contradições na luta armada representam, acima de tudo, contradições entre os inimigos e seus objetivos estratégicos, ofensiva e defensiva, concentração de forças em áreas limitadas para estabelecer superioridade na direção do ataque e a possibilidade de um ataque contra elas; a necessidade das forças armadas de armas e equipamentos caros e as possibilidades do Estado.

O aparecimento de novos meios de ataque provoca a criação das correspondentes formas de a eles se contrapor. No final das contas, isto tem levado a novas formas de travar combates e conduzir as operações. Assim, com o rápido desenvolvimento de carros de combate, aeronaves e submarinos, têm sido também desenvolvidas armas anticarro, antiaéreas e anti submarino e os correspondentes métodos de defesa.

A “Lei da Passagem do Quantitativo para o Qualitativo”- que ele invocou para entender as limitações e possibilidades de realizar melhoramentos nas Forças Armadas. Com ela, as fontes e mecanismos de mudança seriam revelados, permitindo previsões sobre o futuro dos assuntos militares:

Esta lei ensina que o desenvolvimento de todos os fenómenos ocorrem por meio da gradual acumulação de mudanças quantitativas e sua conversão, a um dado estágio, em mudanças qualitativas básicas. O efeito desta lei nos assuntos militares se manifesta com particular clareza no desenvolvimento de métodos para a condução do conflito armado.

O desenvolvimento de novas armas e equipamentos militares inclui a reorganização de métodos de condução das operações militares; contudo, isto não ocorre imediatamente após seu aparecimento, mas somente quando eles começam a ser aplicadas em quantidades que levam a mudanças qualitativas. Enquanto as novas armas e materiais de combate são usados em quantidades limitadas, eles mais freqüentemente se adaptam aos processos existentes de luta armada ou, na melhor das hipóteses, introduzem nesses processos umas poucas e parciais mudanças.

Sabemos, por exemplo, que carros de combate e aeronaves apareceram na 1ªGM. Contudo, devido ao seu número insignificante e imperfeições, eles foram incapazes de produzir alterações qualitativas na natureza das operações de combate. Subseqüentemente, nas vésperas da 2ª GM e durante ela, a produção em massa de carros de combate e aeronaves foi organizada e concretizada e, quando novos grupamentos e ramificações foram criados nas forças armadas – a força aérea e as

⁴ Artigo “Ciência Militar e Defesa da Pátria Socialista”, Kommunist, nº7, maio de 1978 p.137, in Waddell, 41.

*divisões blindadas – a natureza da organização e da condução do combate e das operações foi drasticamente alterada, qualitativamente sobretudo. Isto provocou o aparecimento de novas formas e meios de operações de combate e, subsidiariamente, influenciou seu curso e resultado.*⁵

Vê-se aqui uma original leitura marxista dos processos de evolução e revolução, que faz com que os estudiosos que a empreguem em suas análises fiquem sempre prevenidos para a ocorrência de indícios de uma possível revolução em curso, ou uma “passagem para o qualitativo”, o que é vantajoso.

Pela “Lei da Negação da Negação”, algumas “entidades” (materiais, processos, etc) são negados por outros que apresentam vantagens, mas alguns de seus aspectos permanecem, por possuírem alguma vantagem particular. Assim, estabelece-se uma ligação, que é o principal efeito da lei, entre o antigo e o novo, pela permanência do que o antigo tinha de bom. Em seu segundo livro, Ogarkov repetiu Lênin ao escrever que a negação dialética não era a “negação pura ... mas negação como um momento de ligação, um momento de desenvolvimento, com retenção do positivo”⁶. Para ele, a negação refletia o progresso e era vital para o entendimento dialético do processo de desenvolvimento em qualquer área, sendo freqüentemente manifestada nos assuntos militares:

“Ela [a cavalaria da Idade Média] foi substituída pela cavalaria sem proteção pesada, mais móvel e flexível, e as armas de fogo a capacitaram a lutar, assim como a infantaria. Na 1ª GM, particularmente na Guerra Civil, ela foi extensivamente usada em ofensivas bem sucedidas, em contra-ataques defensivos, para ações na retaguarda do inimigo e para destruir suas comunicações. Contudo, com o aparecimento das armas automáticas de tiro rápido e o tempestuoso desenvolvimento de aeronaves e carros de combate, seu papel declinou drasticamente e, na 2ª GM não podia mais apresentar as antigas qualidades. Como arma, a cavalaria havia exaurido suas possibilidades. Portanto, era inteiramente natural que ela fosse substituída por uma nova arma – carros de combate e tropas mecanizadas operando em bases técnicas qualitativamente diferentes e possuindo grande poder de fogo, couraça e alta manobrabilidade. Em outras palavras, ocorreu uma negação da negação. Naturalmente, contudo, o processo de negação não termina aí. Como sabemos, os correspondentes meios de luta anticarro estão sendo tempestuosamente desenvolvidos.

Esta lei poderia ser batizada de “Lei do questionamento” e explica os debates entre militares sempre que algum material ou técnica parece estar obsoleto. Tê-la em mente induz à busca da simplicidade, verificando a possível aplicabilidade a problemas novos, de princípios conhecidos mas não usados, ou de soluções antigas - o que não é raro na tecnologia militar russa.

A Gestão do Marechal Ogarkov.

Antes de Ogarkov, a URSS havia seguido duas doutrinas militares. Com Krushev (1953 a 1964), dava-se absoluta prioridade ao armamento nuclear estratégico, buscando reduzir a inferioridade para o Ocidente, com o emprego da vantagem tecnológica em lançadores, obtida com o Sputnik⁷. Após Krushev, o Marechal Grechko deu grande ênfase à alternativa convencional, ressuscitando a “Batalha

⁵ Artigo “Ciência Militar e Defesa da Pátria Socialista”, *Kommunist*, nº7, maio de 1978 p.139, in Waddell, 46.

⁶ “A História Ensina a Vigilância”, 1985, p. 33, in Waddell, 1999, 49.

⁷ O lançamento do primeiro satélite artificial - Sputnik I - pelos russos, em 4/10/57 iniciou o “missile gap”, época em que a URSS estava na dianteira no tocante a foguetes lançadores de bombas nucleares.

Profunda”⁸, construindo para tanto uma força terrestre imensa, moderna, bem adestrada e dotada de armas nucleares táticas, mas sem descurar do poder nuclear estratégico, a fim de colocar o Ocidente num dilema em caso de confronto, obrigando-o, nos níveis não-extremos da escalada, a lançar artefatos nucleares em seu próprio território (europeu), onde as forças soviéticas estariam avançando desde o primeiro momento.

Por essa época, a URSS atingira a capacidade, análoga à dos EUA, de destruir todos os alvos importantes do território inimigo, sem poder impedi-lo de fazer o mesmo. Ogarkov reconheceu a paridade nuclear e a “MAD”⁹, mas decepcionou-se com a boa-fé dos ocidentais por continuarem a desenvolver armas, como a bomba de nêutrons, os submarinos classe OHIO e os mísseis de cruzeiro após as SALT-I¹⁰.

A RAM na URSS

Especialmente na segunda metade de sua gestão, Ogarkov via as armas nucleares estratégicas com importância declinante, úteis apenas para a dissuasão, e dava grande importância às armas convencionais de alta tecnologia. Sua habilidade em orientar desenvolvimentos, tirar conclusões e fazer escolhas acertadas foram reconhecidas, e os frutos começaram a aparecer, como os mísseis de cruzeiro SS-NX-24, o bombardeiro SU-24, o interceptador Mig-27, a doutrina dos “Grupos de Manobra Operacional”¹¹, os caríssimos submarinos ALFA, de casco de titânio e vários outros.

Ogarkov, contudo, considerava que as alterações na arte militar estavam longe de acabar e que os EUA estavam sempre mais adiantados: *“O trabalho nesses novos tipos de armas já está em curso em vários países, por exemplo, nos EUA. Seu desenvolvimento é uma realidade do futuro muito próximo e seria um sério engano não considerá-los agora.”*¹²

Verificando os fatos relatados com a perspectiva dos mais de vinte anos que já se passaram, cabe observar a coerência dos lances do xadrez estratégico jogado pelas superpotências.

A doutrina do tempo de Krushev - redução da inferioridade nuclear - era coerente como reação à “Retaliação Maciça”, lançada em 1953, pela qual os EUA reagiriam com tudo o que tinham contra qualquer agressão russa, mesmo convencional, em qualquer lugar do mundo; já Greschko, com sua

⁸ Doutrina proposta antes da 2ªGM pelo Mal. Tugatchevski e que consistia em um ataque em grandes extensões da fronteira, realizando, nos pontos fracos, penetrações rápidas em direção a objetivos selecionados, no caso, arsenais nucleares e centros de comando e controle da OTAN.

⁹ “Mutual Assured Destruction” – destruição mútua assegurada – nome com que ficou conhecida a situação acima citada, e que fazia um trocadilho com a palavra “mad” – louco, em inglês.

¹⁰ SALT-I – tratado de limitação de armamentos assinado no início dos anos 1970.

¹¹ A doutrina dos Grupos de Manobra Operacional previa uma série de procedimentos operacionais por parte de comandos intermediários, sem consultar o alto comando, em caso de isolamento. Era uma reação à doutrina americana da “Air Land Battle”..

¹² Artigo “Defesa do Socialismo:Experiência da História e os Dias Atuais”.Estrela Vermelha 09/05/1984 p.R20 in Waddell, 1999, 91

avassaladora força terrestre, apostava na irracionalidade dessa doutrina, que pregava uma hecatombe contra uma escaramuça, e era coerente com a nova doutrina americana da “Resposta Flexível”.

O Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT-I) fez com que os dois lados se preparassem sem alterar o quadro estratégico, enfatizando as “armas de teatro”¹³. O Ocidente enfrentou a possibilidade de ter que combater em seu próprio território buscando formas de compensar a superioridade convencional soviética, produzindo uma nova doutrina de combate terrestre – a “Air Land Battle”¹⁴ - e realizando desenvolvimentos em armas convencionais, principalmente anticarro, além, é claro, de armas de teatro convencionais e nucleares, como os mísseis de cruzeiro e a bomba de nêutrons, que matava seres vivos sem destruir material, permitindo a reutilização da área.

Foi neste quadro, bem mais complexo que o encontrado por Greschko, que Ogarkov teve que manobrar, competindo contra o Ocidente e com a notória inferioridade russa em Ciência, Tecnologia e Economia.

Talvez seja impróprio falar em RAM realizada pelos soviéticos. Afinal, revoluções não são previstas em leis e, para Ogarkov, as mudanças que realizava consistiam na aplicação estudada das leis da Dialética.

Ao que parece, essas leis foram-lhe muito úteis, porque suas forças conseguiram grandes progressos com linhas tecnológicas originais. Além disso, ele se notabilizou por compatibilizar os desenvolvimentos novos com o material existente e realizar as alterações organizacionais e doutrinárias necessárias ao aproveitamento dessas inovações. Registre-se também sua habilidade junto aos políticos para conseguir recursos financeiros, em que a argumentação plena de fundamentos marxistas era valiosa. Sua gestão mereceu comentários elogiosos mesmo de analistas ocidentais.

A RAM nos EUA

Em 1982, o Marechal publicou seu primeiro livro (“Sempre em prontidão para defender a Pátria”) em que ele afirmava que os então recentes desenvolvimentos americanos na tecnologia de mísseis tinham potencial para mudar a natureza da guerra e exigiam profundas alterações doutrinárias.

O livro repercutiu entre os estrategistas dos EUA, que tinham em alta conta seus colegas soviéticos, ao revelar preocupação análoga à sua – e devida à capacidade tecnológica americana, lembrando-lhes que essa capacidade, por si só, constituía uma alternativa estratégica. Assim, elaboraram uma

¹³ Armas desenvolvidas para permitir uma maior gama de possibilidades de ação no teatro europeu em caso de uma possível guerra, dado que o nível estratégico era limitado e, além disso, irracional, devido à MAD.

¹⁴ Doutrina desenvolvida também para buscar a “batalha profunda”, com o emprego de forças terrestres em coordenação cerrada com grande quantidade de meios aéreos, com grande aporte tecnológico.

teoria de defesa que primava pela alta tecnologia, com a qual seriam produzidos sistemas mais ágeis e flexíveis e com capacidade de atacar mais rapidamente.

A Rand Corporation, tradicional instituição de estudos, começou a desenvolver essa teoria, que foi batizada como “Revolução nos Assuntos Militares”, explorando a grande capacidade norte-americana de produzir inovações tecnológicas para a manutenção da liderança militar no futuro que se avizinhava.

Mais para o fim da década, em virtude da aproximação EUA-URSS, foi criada uma comissão para estudar mudanças na Estratégia nacional para adequá-la ao fim da Guerra Fria, que já se antevia. Seu relatório, denominado “Discriminate Deterrence” era coerente com a RAM, indicando a tecnologia e as intervenções militares como alternativas à dissuasão nuclear.

A essa altura, a RAM já ocupava certo espaço nas revistas militares e passou a contar com crescente número de adeptos, que buscavam idéias que melhor pudessem aproveitar tecnologias disponíveis para produzirem armas e conceitos desbalanceadores, ainda que uma legião de céticos trabalhasse para que se conservassem as capacidades existentes, já testadas. O conceito evoluiu dentro desse espírito, tendo sido oficialmente divulgado pelo Pentágono em 1990, na época da Guerra do golfo, e promulgado como doutrina em 1992¹⁵, após a mesma.

O CONCEITO

Muito tem sido escrito a respeito nos últimos anos, mas abordando principalmente a descrição da RAM, sem lançar muita luz sobre as características que a definem, o que depende basicamente dos critérios empregados; além disso, não há ainda consenso sobre tais critérios, embora se reconheça o caráter revolucionário de alguns eventos da História Militar, como a “Revolução Napoleônica” e a “blitzkrieg”, na Segunda Guerra Mundial, p. ex..

Vejamos abaixo dois critérios para a conceituação de RAM:

O Critério de Krepinevitch

Em 1994, um professor do Centro de Estudos Estratégicos da universidade John Hopkins, Andrew Krepinevitch, enunciou um critério que considera as inovações tecnológicas como imprescindíveis para a ocorrência das RAM, definindo-as da seguinte maneira:

*Uma RAM ocorre quando a aplicação de **novas tecnologias** num **número significativo de sistemas** é combinada com **conceitos operacionais inovadores** e **adaptações organizacionais**, de modo a alterar o caráter e a condução do conflito, produzindo um grande aumento do potencial de combate e da eficiência militar*

Trata-se de uma conceituação bastante pragmática, pois contém as linhas básicas para sua implementação.

¹⁵ David, pág.221 §1

Vê-se também que os textos do Marechal Ogarkov, foram muito bem aceitos, pois o enunciado acima é fortemente baseado na aplicação por ele feita à Ciência Militar da “Lei da Passagem do Quantitativo para o Qualitativo”.

O Critério da Rand Corporation

O outro critério foi o da Rand Corporation,¹⁶, em um estudo publicado em 1999:

*Uma RAM envolve uma **mudança de paradigma** na natureza e na condução das operações militares que:*

- *torna obsoletas ou irrelevantes uma ou mais **competências fundamentais** de um **competidor dominante**; ou*
- *cria uma ou mais **competências fundamentais** em alguma nova **dimensão da guerra**; ou ainda*
- *preenche ambas as condições.*

Entende-se por paradigma um padrão aceito para determinado segmento das operações militares, por exemplo: uma esquadra com seus navios principais formados em coluna, trocando tiros com a esquadra oponente, igualmente formada numa coluna paralela, constituía um paradigma para os engajamentos navais desde o século XVII até a 1ª Guerra Mundial.

Competência essencial (Core competency) é uma habilidade importante que provê o fundamento para um conjunto de capacidades militares. Exemplos: a capacidade de detectar veículos no solo e atacá-los com armas de precisão é, hoje, uma competência fundamental da Força Aérea americana; nos séculos XIII e XIV, a habilidade de, usando o “arco longo”¹⁷, acertar uma flecha nas partes não cobertas por chapas da armadura de um homem a cavalo ou a pé a 250-300 jardas era uma competência fundamental dos arqueiros ingleses.

Competidor Dominante (dominant player) é o que possui um conjunto dominante de capacidades em determinada área das ações militares. Por exemplo: hoje, a Força Aérea americana é um competidor dominante em combate ar-ar e ataque ao solo; na Idade Média, até a Guerra dos Cem Anos, a cavalaria com cavaleiros providos de armadura era o competidor dominante em guerra terrestre na Europa.

Dimensões da Guerra são aquelas nas quais a guerra é conduzida. A primeira delas foi a superfície da terra (guerra terrestre) e a segunda foi a superfície das águas (guerra naval). No século XX, várias novas dimensões foram acrescentadas: as águas abaixo da superfície (guerra submarina), o ar (guerra aérea), os territórios e a infraestrutura dos beligerantes (guerra estratégica e intercontinental), o espaço extraterrestre (guerra espacial), os espectros eletromagnético e acústico (Guerra Eletrônica e Guerra Acústica), o ciberespaço (guerra de Hackers), as mentes dos combatentes (Guerra Psicológica), as mentes das populações (Guerra de Propaganda), e outras mais, segundo alguns teóricos.

¹⁶ Hundley, p.xiii

¹⁷ Uma das armas mais letais da História segundo Trevor Dupuy, foi retratado em vários filmes como o arco de Robin Hood.

Como exemplo de paradigma cuja adoção atende aos critérios de mudança acima citados, pode-se citar o estabelecido na Segunda Guerra Mundial, em que forças navais oponentes nucleadas em navios aeródromos permaneciam a mais de 100 milhas uma da outra, trocando ataques aéreos sem entrar no alcance dos canhões, o que representou uma profunda alteração no modelo que vigia até a Grande Guerra, tornando obsoleta a competência essencial das forças de encouraçados, até então os competidores dominantes na guerra naval, constituindo, assim, uma RAM.

O estudo da RAND apresenta vários outros exemplos e diversas características das RAM, aí pontificando a não-obrigatoriedade de elas serem geradas a partir de inovações tecnológicas e a possibilidade de terem origem em inovações tecnológicas não-militares.

Como se vê, a conceituação da Rand Corporation é mais geral que a de Krepinevitch, não tornando as RAM dependentes de inovações tecnológicas, o que reflete um propósito também mais geral que a implementação, que é evidenciado pelos títulos de duas de suas partes principais:

- “Como estar preparado para as futuras RAM (realizadas por outros)”;
- e
- “Como provocar futuras RAM (nós mesmos)”.

A IMPLEMENTAÇÃO DA RAM

Após a Guerra do Golfo, a RAM mereceu nos EUA esforços coordenados “top down”, coerentes com o propósito estratégico de manter a liderança militar no novo cenário. A mobilização incluiu o desenvolvimento de várias “visões de futuro da guerra”¹⁸ pelos altos comandos, a criação de vários “laboratórios” (centros de simulação específicos para a experimentação de novas formas de guerrear), e jogos de guerra, a realização de vários experimentos no campo e o estabelecimento de várias “candidatas a RAM”, ou seja, combinações de tecnologias e possíveis equipamentos, sistemas e conceitos operacionais a serem avaliadas.

Com o fim da Guerra Fria, as verbas militares começaram a escassear e a “transformação da força” teve também finalidade econômica - obter uma nova e sustentável (affordable) estrutura de forças que pudesse ser mantida no futuro (“mais capacidade por menos dinheiro”), tirando vantagem da RAM.

As modificações organizacionais não tardaram, e algumas delas, mais baratas e geradoras de economia, foram bastante copiadas por outros países, como a ênfase às operações combinadas, a preferência aos pequenos efetivos de tropas profissionais sobre a conscrição, a constituição de “Forças de Ação Rápida” e de grupamentos de forças especiais dotadas de equipamentos (principalmente de comunicações) de alta tecnologia.

¹⁸ “Visão de Futuro” é um artifício comum para planejamento estratégico no meio empresarial, em que se procura descrever a situação desejada da organização num determinado horizonte temporal.

Em outros aspectos, porém, a implementação da RAM não foi encarada por vários países com o mesmo entusiasmo dos EUA, o que chegou a causar problemas em operações interaliadas, como no caso da Guerra de Kosovo, em que cerca de 70% do esforço aéreo foi realizado pelos EUA, em muito por causa da defasagem em relação aos europeus participantes¹⁹.

Com o Presidente G.W.Bush e, principalmente, após os atentados de 11/09/2001, a situação mudou. Os recursos financeiros deixaram de ser problema para as forças armadas americanas, e a RAM, apesar dos protestos dos céticos, foi empregada nas invasões do Afeganistão em 2001 e do Iraque, em 2003. Nesses conflitos, apesar do êxito inicial esperado – tinha-se a superpotência, pós-moderna, contra um país pré-moderno e um outro moderno e debilitado - confirmou-se posteriormente a previsão de Lawrence Freedman, segundo a qual a RAM seria muito pouco útil para enfrentar as guerras assimétricas, entre Estados fortes e Estados quebrados, em que a violência é descentralizada privatizada e selvagem²⁰.

APRECIÇÃO FINAL

Não devemos esquecer que a RAM, apesar de incluir considerações importantes, é uma ferramenta a ser usado pelos responsáveis pela segurança nacional, até o ponto em que ela constitua o melhor aporte para a solução dos problemas estratégicos identificados.

Para Coutau-Bégarie²¹, inclusive, a RAM é um discurso antes de ser uma mudança.

Sua lógica interna é a de uma ação que destinada a legitimar as forças armadas americanas, apresentando-as como pioneiras no progresso militar, o que é altamente motivante para seus integrantes, benéfico para a imagem junto ao seu povo e politicamente adequada, pois combate a eterna tendência para redução de verbas.

Sua lógica externa consiste em demonstrar que o modelo militar americano continuará progredindo e o futuro pertencerá indiscutivelmente às forças armadas que se alinharem com ele, o que tem evidentes conseqüências políticas para a manutenção da liderança dos EUA. É bem verdade que tal lógica não parece falaciosa, visto que é endossada por teóricos russos e chineses – culturas militares independentes e respeitadas.

Há, contudo, algumas questões que devem ser levantadas:

- Tentar imitar os EUA pode significar a auto-condenação a uma sub-ordem, devido à insuficiência de meios e recursos em conjunto com a adoção de seus modelos e formas de raciocinar;
- Os recursos técnicos da RAM são realmente imprescindíveis em qualquer situação estratégica?

¹⁹ Artigo "Countering the Gap with the USA" - International Defence Review, setembro de 2001.

²⁰ DAVID, 2000, 225§2

²¹ Coutau-Bégarie, pág. 391

- Os satélites de comunicações são indispensáveis no caso de estratégias mundiais como as dos americanos, mas, em estratégias de menor amplitude, também o serão? Só se o volume de tráfego, a rapidez necessária e as distâncias envolvidas o exigirem. Isto ocorrerá sempre? Haverá sempre a necessidade de trafegar trinta mil mensagens por dia e coordenar estreitamente forças espaçadas de mais de mil milhas?
- Um acompanhamento contínuo das ações militares pelo poder político, que pode estar muito distante da área de operações, é um aspecto que pressiona a favor das comunicações por satélite. Mas será que essa regra, tão valorizada atualmente, será sempre necessária, ou ainda haverá ocasiões em que a velha delegação de autoridade poderá satisfazer;
- Verificou-se nas guerras da antiga Iugoslávia, nos anos 1990 que a velha artilharia tem uma relação custo-eficácia muito superior à dos mísseis táticos, desde que se aceite colocar tropa em terra e não haja obsessão pelas “zero mortes”.

É claro que também é possível perseguir a RAM sem imitar os EUA, por meio de planejamentos estratégicos bem feitos e mente aberta em todos os níveis.

Vê-se também que, se tomarmos uma definição mais geral como a da Rand Corporation, verificaremos que a atual mudança paradigmática da guerra deve incluir não só a RAM “HIGH-TECH”, mas também as formas de reação dos modernos e pré-modernos, como a “Guerra Assimétrica” e outras formas pós-modernas de “fazer com que o adversário cumpra a nossa vontade”²², como a Guerra Financeira e a Guerra Ecológica, incluídas na “Guerra Irrestrita”²³ de Liang e Xiansui.

CONCLUSÃO

A impressão deste autor é que a atual RAM acabou, tanto em seu conceito estrito como no amplo, restando para a frente apenas inovações evolutivas, não-revolucionárias; entretanto, a postura receptiva, com a mente aberta tanto a umas quanto a outras deve ser uma constante. A qualquer momento, um fato revolucionário pode ocorrer; além disso, evolução também é progresso.

BIBLIOGRAFIA

CLAUSEWITZ, Karl Von. Da Guerra , São Paulo. Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1979
COUTAU-BÉGARIE, Hervé. Tratado de Estratégia, Vol.1. , Serviço de Documentação da Marinha. Rio de Janeiro, 2006
DAVID, Charles-Philippe. La Guerre et La Paix – Approches contemporaines de la sécurité et de la stratégie . Presses de Sciences Politiques. Montreal, Canadá, 2000
HUNDLEY, Richard O.- Past Revolutions Future Transformations . National Defense Research

²² Clausewitz, Livro 1, Cap.1, p.1.

²³ Liang, Q. Xiangsui, W.

Institute – Rand Corporation Press, Washington DC,1999
KREPINEVITCH, Andrew F.- “Cavalry to Computer: The pattern of Military revolutions” – revista “The National Interest”, fall 1994, obtida em http://www.nationalinterest.org/ME2/Segments/Articles/Template1/Common/ em 27/08/03.
LIANG, Q. XIANGSUI,W. Unrestricted Warfare . PLA Literature and Arts Publishing House. Beijing, 1999.
PROENÇA Jr, D., DINIZ, E., RAZA, S.G., Guia de Estudos de Estratégia . Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro,1999.
WADDELL, Timothy S. – Marshall N.V. Ogarkov and the Transformation in Soviet Military Affairs – A Thesis submitted to the Faculty of Graduate Studies in Partial Fullfillment of the Requirements for the degree of Master of Arts – Department of Political Studies – University of Manitoba – Winnipeg, Manitoba. Canadá. Janeiro 1999. obtido em 15/11/2006 em http://www.collectionscanada.caobj4f2dsk1tape10PQDD_0013MQ41644.pdf *
IKLÉ, Fred.C. e WHOLSTETTER, Albert. Discriminate Deterrence. Report of The Comission on Integrated Long-Term Strategy . 1988. obtido em 31/08/2007 em http://stinet.dtic.mil/cgi-bin/GetTRDoc?AD=ADA277478&Location=U2&doc=GetTRDoc.pdf